

1

Introdução

“Uma boa forma de discutir assuntos que não há tempo em sala de aula”. (S49H)

“Muito interessante, pois podemos deixar registradas nossas opiniões”. (S28H)

“Uma boa oportunidade de comunicação de um grupo mais específico”.
(S43M)

Estes são alguns dos depoimentos de alunos universitários a respeito da utilização do fórum de discussão via Internet em paralelo às aulas presenciais, como uma possibilidade de interação ou espaço adicional ao tempo transcorrido em sala de aula. O interesse pela área deve-se à constatação do crescimento cada vez mais vertiginoso da utilização das novas tecnologias na área educacional, seja no que tange aos programas de Ensino à Distância (doravante EaD) ou como uma ferramenta auxiliar no processo de ensino e aprendizagem que se dá em sala de aula. A popularização acelerada das mídias eletrônicas tem despertado o interesse dos pesquisadores quanto às potencialidades da utilização do computador no processo de letramento dos alunos (Kern, 2000; Kleiman, 2001), onde a presença social tem papel fundamental na construção das suas identidades.

Por outro lado, é preciso levar em conta a diversidade de interesses dos participantes do processo educacional, onde cada aluno deve ser o seu próprio agente no processo de construção de conhecimentos e saberes que ocorre no contexto de ensino-aprendizagem. Com esse propósito, vem-se tornando cada vez mais comum, em sala de aula, a criação de ambientes de aprendizagem – ou comunidades de prática¹, como prefiro chamá-los – que levem em conta a idiosincrasia do grupo de alunos envolvidos, com vistas a desenvolver diferentes estratégias – sejam elas cognitivas, afetivas e/ou sociais – a serem ativadas pelos aprendizes conforme o seu perfil individual específico.

A tecnologia de informação já faz parte do cotidiano da sociedade contemporânea; portanto, é natural que a mesma preocupação com o processo educativo integral de cada aluno ocorra igualmente no ciberespaço, como tem sido chamado o espaço de comunicação aberto pela interconexão mundial dos computadores (Levy, 1999). Seja na busca de informação sobre uma área

1 Comunidade de prática: “um constructo social, definido simultaneamente por seus membros e pelas práticas nas quais os membros se engajam.” (Lave & Wenger, *apud* Holmes & Meyerhoff, 1999:174).

específica do conhecimento, ou no compartilhamento de um ambiente virtual com seus colegas, o aluno vai aprendendo a aprender, ou seja, dando sentido à informação, relacionando-a com outros saberes, fazendo deduções, tirando conclusões; em outras palavras, vai exercitando sua autonomia durante o processo de aprendizagem, que é único e, portanto, deve ser adequado às necessidades próprias.

Marques Neto (2002), com base nas exposições realizadas em Valente (1993), Liguori (1997) e Cano (1998), aborda a utilização da informática no processo de ensino e aprendizagem sob dois pontos de vista: como interação com o conhecimento de uma área específica e como ferramenta de apoio ao processo de ensino e aprendizagem. No primeiro caso, os computadores são utilizados por alunos e professores no processo de familiarização com a disciplina, através do armazenamento dos textos que veiculam conhecimento, para posterior acesso e absorção dos conteúdos. No segundo caso, a informática funciona como instrumento de apoio às atividades usualmente executadas pelos alunos e professores; assim, os aprendizes têm a oportunidade de acessar recursos que os auxiliarão ao longo do processo, inclusive na troca de mensagens e textos anexos através do correio eletrônico, ou pela utilização compartilhada de ambientes virtuais como as conferências por computador, onde está inserido o fórum de discussão, objeto desta pesquisa.

Paiva (2001a) discorre sobre a validade dessa utilização no contexto pedagógico, que prescinde da necessidade de espaços ou horários previamente fixados, onde as paredes e as barreiras de tempo são metaforicamente derrubadas. A autora reproduz as palavras de Hay (p.103), quando lembra que o cérebro é essencialmente social e colaborativo. Embora a aprendizagem ocorra internamente no cérebro do aluno, esta é estimulada sob condições que favoreçam a discussão em voz alta e a troca de opiniões entre colegas. Nesse contexto social, vejo o professor como um agente responsável pela criação das condições favoráveis à emergência desse processo. A Internet seria, pois, não uma solução hipoteticamente mágica para os problemas da educação, ou mesmo um substituto para qualquer outra modalidade educativa, mas sim uma outra opção de ambiente propício à aprendizagem. Essa possibilidade de utilização de um espaço virtual ao qual toda a turma teria fácil acesso tenderia a contribuir favoravelmente para a resolução de alguns problemas ora existentes no ambiente universitário, que vão

desde a quantidade de tempo necessária ao processo de ensino e aprendizagem até um domínio limitado da linguagem, resultando em dificuldades de comunicação e em uma potencial dificuldade na construção do conhecimento, já que dentro de um arcabouço sócio-interacionista (Bakhtin, 1981; Vygotsky, 1984) este decorre do processo dialógico que se dá através e na linguagem.

Kern (2000) também defende – em consonância com as palavras de Paiva (2001a) e Hay (*apud* Paiva, 2001a:103) – as contribuições positivas das interações sociais no processo de construção do sentido, ressaltando ainda que a mídia virtual possibilita a criação de um novo tipo de comunidade de aprendizagem através da prática no uso da linguagem. A conferência por computador, ao subverter as estruturas discursivas da sala de aula tradicional, abre aos aprendizes não somente maiores oportunidades de comunicação mas também – e principalmente – favorece a reflexão sobre essas mesmas convenções (e as relações de poder nelas refletidas). Ademais, o canal escrito representado pelo ambiente virtual pode facilitar a reflexão durante e após as participações, contribuindo assim para a construção do conhecimento por parte dos aprendizes através da metacognição.

Esse pressuposto vem sendo confirmado pelas pesquisas recentes na área da comunicação mediada por computador – CMC. Além dos benefícios decorrentes do engajamento em grupos de discussão, encorajando os participantes a trabalhar de forma cooperativa (Paiva, 2001a), as novas tecnologias abrem espaços propícios ao desenvolvimento das habilidades discursivas e argumentativas dos participantes. Nas pesquisas em EaD, Harasim (*apud* Austin, 1997:160) sustenta que o tipo de interação que ocorre em conferências por computador pode promover habilidades metacognitivas tais como a auto-reflexão e a revisão dos significados construídos e negociados nas diferentes situações de comunicação.

No ambiente de sala de aula, os eventuais problemas relacionados à capacidade de expressão, seja oral ou escrita, são normalmente relevados a um segundo plano, devido ao privilégio da transmissão do conteúdo diretamente ligado à disciplina em questão. O volume de conteúdo programático a ser transmitido, especialmente aos alunos de terceiro grau, costuma ser extenso, tornando o tempo passado em sala de aula tão valioso e escasso que freqüentemente o professor não tem como alocar espaço para discussões abertas que não estejam previamente incluídas no programa específico daquela disciplina, sob pena de não haver tempo hábil para cumprir o programa elaborado para o

semestre letivo. Essa situação, já observada no ensino fundamental e médio, torna-se muitas vezes crítica por privar os aprendizes de experiência lingüística suficiente que enriqueça o processo de letramento e a capacidade de expressão, seja escrita ou falada. A possibilidade do espaço adicional disponibilizado pela mídia virtual favoreceria a prática do uso da linguagem nas trocas sociais que têm lugar no ambiente escolar. Se letramento constitui “um conjunto dinâmico de processos lingüísticos, cognitivos e sociais que são culturalmente motivados”² (Kern, 2000:39), as interações sociais assumem papel central no processo de ensino e aprendizagem como constituintes da construção do conhecimento e das práticas comunicativas.

Apesar dessa relevância, tenho observado que, dependendo dos centros ou departamentos onde estão alocados (ciências humanas, sociais ou exatas), pode-se verificar uma maior ou menor proximidade de interesses que permita alguma interação social no contexto da sala de aula, com discussões e/ou argumentações – orais e escritas – relacionadas direta ou indiretamente à disciplina ministrada. Entretanto, a possibilidade dessas eventuais interações torna-se ainda mais remota na área das ciências exatas, devido à não obrigatoriedade, para o conteúdo eminentemente técnico da matéria, das opiniões e posicionamentos dos alunos com respeito a questões não diretamente relacionadas ao conteúdo da disciplina propriamente dita, mas cujo debate poderia contribuir para práticas comunicativas que envolvem o uso da linguagem e assim proporcionam uma visão mais ampla, por parte dos alunos, da área técnica onde estão inseridos, de si próprios, do mundo que os cerca e da projeção que o conteúdo pode ter na sociedade. Acredito que a deficiência de tempo hábil para prover práticas em linguagem socialmente situadas entre os participantes do processo de ensino e aprendizagem pode ser suprida pela utilização da CMC.

Remetendo ao mito do bravo desbravador dos primeiros tempos de colonização norte-americana, em sua jornada rumo ao oeste, Anderson, Rourke et al. (2001) criam a imagem do professor-pioneiro o qual, antevendo a enorme importância dessa nova modalidade de comunicação na formação dos aprendizes, não somente idealiza o ambiente virtual mais adequado às trocas sociais entre os

² “...a dynamic set of linguistic, social, and cognitive processes that are culturally-motivated.” (2000:39) (tradução da autora)

alunos como atua como incentivador e facilitador das interações que ali passam a se desenvolver.

Partindo do pressuposto Vygotskyano (Vygotsky, 1984), que vê o aprendizado como um processo profundamente social, Paiva (2001b:199) acrescenta que “a interação virtual rompe as paredes da sala de aula e permite que novos atores passem a fazer parte do ambiente educacional, propiciando a cada aprendiz, inclusive ao professor, uma experiência ao mesmo tempo coletiva e única”. A autora também ressalta que, no contexto virtual, onde os participantes passam a assumir novos papéis, o professor deve ter o seu papel repensado: além de um incentivador dos alunos na busca de conhecimento, ele atua como um mediador, com capacidade de liderar a discussão sem monopolizá-la.

Refletindo sobre a figura desse professor redescoberto, tão distante da imagem formal de mero transmissor de conhecimento, vejo-o como um interlocutor atento, colaborativo e preocupado com sua própria postura e atitudes em relação à conveniência da sua intervenção no espaço virtual. Sob esse ponto de vista, o posicionamento do professor dentro desse novo ambiente decorrerá das circunstâncias de instauração deste último; em outras palavras, irá depender de quem tenha sido a decisão de implementar essa alternativa de espaço – se do próprio professor ou se imposta como parte de um projeto do departamento ou da instituição onde trabalha; contarão também as suas crenças com relação à validade das contribuições do novo meio de comunicação, bem como sua motivação e entusiasmo quanto ao uso dessa ferramenta na prática pedagógica. Daí advirão grau de envolvimento e estilo de participação, bem como a escolha de temas pertinentes e relevantes para os alunos, favorecendo assim a criação de um ambiente propício a interações saudáveis e prazerosas, tanto em termos afetivos quanto cognitivos, contribuindo naturalmente para a construção do conhecimento.

Movida pelo interesse e curiosidade a respeito das novas ferramentas de comunicação à disposição dos participantes do processo de ensino e aprendizagem, bem como da extensão da potencial contribuição para o aperfeiçoamento lingüístico dos aprendizes, propus-me a empreender a presente pesquisa, cujo objetivo é o de descrever e analisar o papel do fórum de discussão como uma modalidade das novas tecnologias de Comunicação Mediada por Computador – CMC – dentro dos estudos da linguagem, focando especificamente

a experiência discursiva proporcionada pelos fóruns de discussão e o processo de letramento dela decorrente.

Aqui no Brasil, o fórum tem sido negligenciado enquanto objeto de estudo. As esparsas referências encontradas situam-se mais em nível de definição, onde o fórum é citado como mais uma modalidade sob a categoria “conferência por computador” (Araújo, 2002a), ou restringem-se à utilização para fins de EaD (Coelho, 2000; Oeiras et al., 2001). Dentre os poucos estudos enfocando o fórum, destaca-se o artigo de Souza (2002:96) no qual o autor se detém sobre as listas de discussão, classificando-as – bem como aos e-mails e aos fóruns, entre outros – como “ferramentas e ambientes tecnológicos que podem vir a sustentar e promover a interação entre pessoas”. Em estudo sobre os gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital, Marcuschi (2002) inclui as listas de discussão, deixando de lado o fórum, que só é mencionado em relação ao número de participantes – juntamente com as listas – em comparação ao caráter pessoal dos e-mails. O presente estudo procura preencher essa lacuna, refletindo sobre o fórum e sua possível existência como gênero, bem como sobre suas ligações com as novas dimensões de letramento decorrentes das tecnologias de informação. Novas formas de linguagem, dependendo do tipo de ambiente utilizado, têm surgido a cada dia, exigindo crescente atenção dos professores e pesquisadores diretamente envolvidos com a prática pedagógica, com vistas a uma melhor compreensão das capacidades e limitações das tecnologias disponíveis no processo de construção de conhecimento que se constitui nas práticas discursivas.

Sendo assim, a pesquisa abrange princípios sociointeracionistas e pragmáticos, para os quais o sentido é construído no e pelo contexto do discurso, nas e pelas relações interpessoais e intertextuais que o constituem. Inserindo-se no campo de interesse da Linguística Aplicada, trata-se de um estudo etnográfico de caso, de caráter descritivo, que enfoca um fórum de discussão privado, criado paralelamente às aulas presenciais de uma turma de graduação do curso de engenharia da PUC-Rio. Aparentemente, com base na revisão de literatura, o fórum parece “otimizar e personalizar o ensino às necessidades e perfil de nossos aprendizes” (Amorim e Saliés, 2001:4).

Para caracterizar o fórum enquanto prática discursiva, o presente estudo inclui revisão de literatura composta de três capítulos. O primeiro – capítulo 2 – consubstancia fundamentação teórica sobre o fórum de discussão como uma das

modalidades de comunicação criada pela utilização do computador na comunicação à distância; descreve e classifica o fórum dentro das diversas modalidades existentes no ambiente virtual, fazendo um breve sumário das características mais significativas. O capítulo 3 discorre sobre o fórum, as funções da linguagem e o processo de comunicação, questionando também se ele representa um novo gênero discursivo ou se simplesmente funciona como suporte para gêneros já definidos. O terceiro capítulo da revisão (capítulo 4) fornece a fundamentação necessária à análise do fórum no processo de ensino e aprendizagem, detendo-se também no papel do professor dentro dessa modalidade de comunicação. O capítulo 5 descreve o estudo de caso, especificando a natureza da pesquisa, o contexto, os instrumentos e os procedimentos de coleta e análise de dados, assim como as perguntas de pesquisa. O capítulo 6 analisa e discute os dados apresentados. Finalmente, o capítulo 7 encerra o estudo apresentando conclusões e as implicações da utilização do fórum de discussão em paralelo às aulas regulares de um curso de ciências exatas, bem como recomendações para futuras pesquisas.

Belmiro (2002:16) alerta para a necessidade de pensar as tecnologias como uma “ecologia cognitiva em vias de formação”. Nesse enfoque, a linguagem se transforma para adaptar-se ao novo meio digital onde o texto, não tendo mais fronteiras próprias, adquire movimento. Nas palavras da autora, é como se o texto digitalizado “estabelecesse um enorme plano semântico, acessível em todo lugar, para o qual cada um poderia contribuir a fim de produzir, retomar, modificar, indefinidamente”. A ruptura dos padrões tradicionais, tanto em termos físicos (com um espaço virtual, não-geográfico) quanto lingüísticos (com textos abertos, mutáveis, sem limites), clama por mais e mais pesquisas no intuito de desenvolver novas práticas pedagógicas, visando à mediação que mais se coadune com a formação de indivíduos conscientes e ativos, participantes nas transformações que vêm ocorrendo no mundo contemporâneo. Tal participação ativa dá-se por meio da linguagem. É isto que me proponho a estudar.